
Jornalismo e o fortalecimento do “ranço ao sertão”: análise crítica da narrativa do Globo Repórter especial de 50 anos da Rede Clube no Piauí¹

Lana Krisna de Carvalho MORAIS²

Heitor Costa Lima da ROCHA³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.

Universidade Estadual do Piauí, Picos, PI.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral analisar como ocorre o fortalecimento do ranço ao sertão a partir da análise crítica da narrativa do programa Globo Repórter especial de 50 anos da Rede Clube no Piauí. Problema central: como se relacionam as mensagens do espaço público midiático com a racionalidade cotidiana do homem do semiárido? A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica e análise crítica da narrativa, a partir da instância de análise metanarrativa, tendo como base do modelo estabelecido por Luiz Gonzaga Motta (2013). O programa analisado apresenta narrativas distintas ao abordar a região do cerrado piauiense como lugar de progresso, o semiárido como lugar de seca e pobreza, e a região no norte como lugar de belezas e potencial turístico.

PALAVRAS-CHAVE: Semiárido; Telejornalismo; Ranço; Nordeste; Análise crítica.

INTRODUÇÃO

O semiárido brasileiro é um território diverso e ao mesmo tempo singular, marcado por lutas e contradições históricas, além de representações caricatas construídas ao longo dos anos através da literatura, do cinema e da própria imprensa.

Muito além dos elementos geológicos, o semiárido também é simbólico, diversas vezes representado no cinema e através do próprio jornalismo a partir de signos como miséria, violência, fanatismo religioso, seca, fome, coronelismo, como lugar inóspito, onde o sertanejo “antes de tudo, um forte” (CUNHA, 1995, p. 515), força e estratégia para sobreviver aos efeitos da seca, fenômeno natural e previsível, para o qual foram desenvolvidas e implantadas políticas públicas ao longo dos anos, permitindo ao povo sertanejo possibilidades de convivência com o seu território.

Com a mudança na abordagem “combate à seca” para “convivência”, o semiárido passa dar novo significado ao pertencimento, novos conhecimentos são produzidos sobre a região, com destaque às características naturais, potencialidades e

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa 3 - Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Jornalista, Mestre em Educação (UPE), Professora da UESPI, aluna do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFPE), e-mail: lanakrisna.lm@gmail.com

³ Pós-Doutor em Comunicação pela Universidade da Beira Interior e Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE, e-mail: hclrocha@gmail.com

riquezas, as universidades dedicam esforços científicos para compreender e transformar um território tão singular, o único semiárido do planeta que abriga o bioma caatinga, mas o jornalismo continua reproduzindo os velhos signos, com imagens de solo rachado, carcaça de animais e fome.

No caso específico da região Nordeste, esforços foram envidados para formulação do problema ou diagnóstico da situação, a fim de implementar políticas de desenvolvimento que pudessem alavancar a economia da região. A princípio, atribuiu-se à seca a culpa do subdesenvolvimento dessa região. A estiagem prolongada era, então, o grande fator que fragilizava o complexo econômico sertanejo, o que levava às ações assistenciais governamentais para socorrer a população nesses períodos, mas que, na realidade, beneficiavam as oligarquias agrárias do sertão (SOUZA; LOPES, 2022, p. 53).

Construir nova visão sobre a região também é papel da imprensa e da academia, fazendo-se necessário discutir o território semiárido e seu aspecto sócio histórico, a formação, organização do espaço e da sociedade, as concepções de desenvolvimento a partir da convivência e sustentabilidade no semiárido, bem como o papel das políticas públicas, tecnologias e educação contextualizada com demandas da região.

No entanto, ressignificar o pertencimento ao semiárido ainda é um desafio presente para população deste território, pois as representações construídas ao longo da história foram pautadas nas experiências desafiadoras para sobrevivência (como fruto da ausência de políticas públicas eficazes), nos discursos promovidos nos ambientes formativos (cujos livros didáticos e projetos raramente eram voltados para educação contextualizada com o semiárido, apresentando o território como um espaço-problema em virtude das características climáticas), além dos discursos construídos pelo cinema e imprensa (que fortaleceram signos de fome, miséria, calamidade, violência, etc.).

A partir do contexto apresentado, este artigo tem como objetivo geral analisar como ocorre o fortalecimento do ranço ao sertão nordestino a partir da análise crítica da narrativa do programa Globo Repórter especial de 50 anos da Rede Clube no Piauí, veiculado no dia 02 de dezembro de 2022⁴. Objetivos específicos: compreender como se estabelece a visão estereotipada sobre o semiárido piauiense a partir das imagens selecionadas pelo telejornalismo; identificar a presença de signos de nordestinidade no programa especial analisado; e problematizar acerca da formação de jornalistas para compreensão da complexidade do território semiárido. Problema central: como se relacionam as mensagens do espaço público midiático com a racionalidade cotidiana

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=D0aiw8X88Ws>

do homem do semiárido?

O caminho metodológico para o desenvolvimento desse estudo tomou como base a pesquisa bibliográfica, além dos estudos de Sica (2013) e Correia (2004) sobre o método análise crítica da narrativa, a partir dos caminhos e sugestões estabelecidas por Motta (2013, p.09), que considera a narrativa como um “modo expressão universal, que atravessa o jornalismo, o cinema, a telenovela, a fotografia, a publicidade, o conteúdo das novas mídias, etc.”, e também estabelece três instâncias de análises: 1ª Plano da expressão (discurso, linguagem); 2º Plano da estória (conteúdo, enredo, intriga); 3º Plano da metanarrativa (tema, fábula, modelo de mundo), esta pesquisa optou por realizar a análise a partir da terceira instância, dada a duração do programa e possibilidade de continuidade das investigações sobre o tema.

O objeto a ser analisado é o programa Globo Repórter, produzido como edição especial em comemoração aos 50 anos da Rede Clube, emissora afiliada à Rede Globo no Piauí, com sede em Teresina. Assim como de costume, o programa foi transmitido numa noite de sexta-feira para rede nacional e internacional a partir do Globoplay, teve duração de 40 minutos e dois segundos (sem contar os blocos comerciais), foi apresentado pela jornalista Sandra Annenberg dos estúdios da emissora no Rio de Janeiro. Já a reportagem especial sobre os 50 anos da afiliada do Piauí foi apresentada pelo repórter Renan Nunes, ao lado da repórter e apresentadora Aline Moreira, ambos integrantes da equipe da TV Clube.

1 SEMIÁRIDO COMO ESPAÇO-PROBLEMA

A visão historicamente reproduzida pela mídia, escolas e discurso das elites, é de que a pobreza do semiárido brasileiro está atrelada à seca, ou seja, trata-se do resultado de um “problema natural”. A visão simplista foi usada como argumento ao longo de décadas para justificar os baixos índices de desenvolvimento social e o semiárido, mesmo com todas as suas riquezas, foi denominado como espaço-problema, inclusive pela população local, que passa a migrar para outras regiões em busca de oportunidades e qualidade de vida.

No entanto, esta concepção marginaliza a compreensão dos desafios sob a ótica da organização social, questões fundiárias, ausência de educação e tecnologia contextualizadas para o desenvolvimento local, além de políticas públicas verticalizadas, que, em muitos casos, não atendem às necessidades da população e, por conseguinte, acabam por contribuir com o assistencialismo político, dando forças às

antigas elites que se perpetuaram no poder à custa da miséria.

A representação do fenômeno das secas, ancorada, hegemonicamente, na calamidade natural, é, certamente, um processo social, político e econômico complexo, que produziu, historicamente, uma desinformação, colaborando, sobretudo, para a manipulação de uma identidade social das populações do Nordeste brasileiro (AZEVEDO E AZEVEDO, 2021, p.50).

Mesmo diante de avanços, a organização social do semiárido, processo político e econômico, divisão fundiária, desinformação e manipulação da identidade social pautada na fome, pobreza e calamidade, ainda representam este território tão rico e plural, esta imagem pejorativa integra as estratégias das históricas elites no poder, que lucram com a dominação dos órgãos públicos e vendendo a imagem de flagelo.

A exemplo do que ocorreu no Brasil, o Piauí herdou do período colonial um legado de exclusão social no qual o extermínio da população nativa e a escravidão são as raízes mais fortes. Com a agravante, a base econômica de constituição da sociedade – a pecuária extensiva – coloca o latifúndio como condição imprescindível ao funcionamento do sistema que, sem ampliar os níveis de produção e de produtividade, condena o Estado a altos níveis de pobreza relativa e absoluta. (ALENCAR, 2010, p. 35).

Com base nos dados apresentados, passamos a observar as contradições existentes sobre o território semiárido, de forma específica o piauiense, que conta com diversos potenciais hídricos, minerais e naturais, conforme pode ser observado no Mapa de Geodiversidade do Estado do Piauí (BRASIL, 2009), ainda assim disputa os índices mais baixos de desenvolvimento com os estados do Maranhão e Alagoas (BRASIL, 2021). Essas contradições são ocasionadas pela lentidão econômica, políticas públicas que não dialogam com as demandas locais, práticas assistencialistas, baixo número de pesquisas e tecnologias para resolução de problemas locais e ausência de educação que compreenda a complexidade do território, com suas possibilidades, singularidades e riquezas.

“Essa situação é constatada e debatida há muito tempo. Na maioria das vezes, porém, os diagnósticos e proposições referem-se ao semiárido como um espaço-problema, terra das secas, explicação do atraso econômico regional” (SILVA, 2010, p. 64), neste cenário, o sertanejo, homem simples e rico em conhecimento pela experiência, muitas vezes distante dos espaços formais de educação, passa a associar as problemáticas locais ao desejo divino e não ao falho modelo de desenvolvimento.

Para as elites regionais, a permanência da região Nordeste na condição

de produtores agrícolas (subsistência) contribuía para a manutenção das relações de desigualdade na ordem econômica vigente, impedindo essa região de obter um nível de desenvolvimento elevado e, conseqüentemente, a melhoria de vida de sua população (SOUZA, LOPES, 2022, p. 49).

A imprensa contribui para o fortalecimento de estigmas e representações, quando midiática apenas o sertão das calamidades, para o pesquisador Edmerson Reis (2010), essa constatação é possível de ser revertida, dependendo da vontade política de cada um, seja através da gestão dos estados e municípios, através de projetos, da educação ou da própria imprensa. O pesquisador cita Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1999), a partir da obra *A invenção do Nordeste e outras artes*, afirma que a idealização do Nordeste brasileiro apresenta traços do “ranço negativo” que ao longo da história foi fortalecido pela elite nordestina, que fazia uso dos discursos de calamidade para atender os seus interesses, justificar a pobreza e baixo índice de desenvolvimento, além de receber verbas públicas investidas em práticas assistencialistas, que não resolviam os problemas, apenas eram amenizados e em contra partida, garantiam a permanência das famílias pobres dentro dos seus redutos eleitorais, dessa forma, fortalecia-se o discurso de calamidade originada do fenômeno da seca.

Então, a caveira do gado que aparece na imprensa nacional não é a do bode, que está sobrevivendo, resistindo às intempéries do clima e segurando as famílias no Semiárido, mas sim do bovino, que, inapropriado para a região, continua sendo criado sem se levar em consideração as condições climáticas e a adaptabilidade desses animais às especificidades da semiaridez. É essa a imagem que foi criada para favorecer uma elite brasileira, sendo preciso envidar esforços na tentativa de romper com esse cenário da artificialidade. Essa é uma das construções humanas que precisa ser desconstruída, pois esse ranço cultural reacionário contribui para a fabricação de “uma identidade de inclinação despótica” (REIS, 2010, p. 111).

A partir desta perspectiva, o autor acrescenta que quando absorvemos o imaginário, deixamos de falar por aquilo que somos, que vivenciamos, passamos a falar a partir das imagens que nos foram apresentadas sobre nós, colocadas nas nossas mentes pela repetição dos discursos, neste cenário o sujeito se enxerga impotente, incapaz de superar os desafios e vulnerabilidades do território em que vive. “Os livros didáticos que circulam na nossa região reforçam essa imagem [...], é essa a negatividade que se criou [...] e que ainda está presente entre nós e que terminamos por assumi-la e proliferá-la” (REIS, 2010, p. 112). Mas não é impossível, para tanto, é necessário enxergar as mudanças a partir das políticas públicas eficazes, que assumem papel

articulador com a educação, distribuição de renda, de terra e desenvolvimento de tecnologias apropriadas.

Como equipamentos privilegiados de cultura no século XX, a literatura, o cinema e a mídia de massas construíram uma representação sertaneja que atendeu à curiosidade nacional em torno desse “outro” Brasil, místico, berço da brasilidade original e repleto de personagens exóticos, e reforçaram a construção de um imaginário em que a seca se constituiu como elemento fundador das precárias condições de vida do sertanejo e alimentou a esperança da fuga dessa realidade imóvel para “a cidade grande” (MOREIRA, 2017, p. 76).

Além da imprensa, o cinema também tem contribuído para construção de representações e estereótipos sobre a população nordestina, especialmente sobre o homem do semiárido, Paiva (2006, p. 38-39) explica que a imagem do sertanejo foi apresentada no universo simbólico das produções audiovisuais como “um homem forte, resignado pela miséria causada pela fome, uma lição de moral a ser seguida por sua resistência fria, idéias fixas e virtude”. A pesquisadora explica que a difusão deste estereótipo ocorria de forma natural, despreziosa, mas que a partir da repetição e reprodução em larga escala, contribuiu para criação de representações simbólicas.

Em outras palavras, as representações simbólicas constituem uma forma de pensamento social, que abrange as informações, experiências, conhecimentos e modelos, que são recebidos, transmitidos e circulam na sociedade, através de mecanismos utilizados pela educação, pelas tradições e pela comunicação social (PAIVA, 2006, p. 39).

O olhar apresentado pela produção cinematográfica não tem compromisso com a realidade, contribuindo para o fortalecimento de estereótipos e signos que já não representam o semiárido da atualidade, diferente do jornalismo, que tem o compromisso com os fatos, mas ainda se utiliza das representações do sertão de outrora para ilustrar os acontecimentos do dia a dia.

2 ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA DO GLOBO REPÓRTER ESPECIAL DE 50 ANOS DA REDE CLUBE NO PIAUÍ

2.1 Conhecendo o objeto

A TV Clube foi inaugurada no dia 3 de dezembro de 1972 na cidade de Teresina-PI, tornando-se a primeira emissora do estado, sua implantação aconteceu durante um período de controle à imprensa brasileira, por conta da ditadura militar. “A chegada da nova tecnologia de mídia foi representada como símbolo de progresso

econômico e modernidade, além do empenho dos políticos da época” (MINEIRO, RÊGO, 2016, p. 01).

Em comemoração aos 50 anos de história, a emissora produziu diversos programas para a data e véspera do aniversário, entre eles, uma reportagem especial veiculada no Globo Repórter exibido no dia 02 de dezembro de 2022, com a apresentação da jornalista Sandra Annenberg.

2.2 Análise crítica da narrativa

Na obra “Análise crítica da narrativa” Luiz Gonzaga Motta (2013) apresenta procedimentos operacionais para realização das análises, bem como toda contextualização teórica em torno do método. O livro está dividido em sete capítulos, no primeiro “Por que estudar as narrativas?” o autor destaca que a importância desse estudo está na compreensão de quem somos, desde a vida individual até a identidade, que juntas constituem uma narrativa pessoal.

Compreender um pouco mais do ser humano na sua complexidade, entender o mundo humano, demarcar nossas identidades, o que somos, como nos constituímos é o trabalho da análise das narrativas. [...]. Aprender o significado de uma coisa ou fenômeno é contemplá-lo nas suas relações com outras coisas e pessoas, observar como opera e funciona, que consequências produz, etc. (MOTTA, 2013, p. 30).

Assim, chama atenção para reflexão sobre as experiências do sujeito, bem como processo contínuo de busca pelo conhecimento, sempre visando dominar algo desconhecido. No segundo capítulo “Retorno da narrativa: busca do significado”, Motta (2013) apresenta um resumo da guinada da filosofia rumo à linguagem em busca de melhor compreensão da narrativa para construção de sentidos, destacando ainda que “a linguagem é o instrumento privilegiado através do qual o homem se nega aceitar o mundo tal qual ele é, lançando-se na incrível aventura contra a barbárie, contra a selvagem e caótica realidade, contra as indeterminações” (MOTTA, 2013, p. 74).

Ao abordar os “Procedimentos operacionais da análise pragmática”, Luiz Gonzaga Motta apresenta pistas para o desenvolvimento da análise dividindo o discurso narrativo em três instâncias expressivas: 1º plano da expressão (linguagem e discursos), 2º plano da história (ou conteúdo) e 3º plano da metanarrativa (tema de fundo). A terceira instância será aprofundada a seguir, com a análise da reportagem especial, de forma específica os trechos que tratam do semiárido piauiense, também realizando um paralelo com os outros territórios apresentados.

No capítulo “Do enunciado à enunciação: vozes narrativas e jogos de poder e Matriz para análise empírica do poder de voz” aponta que os textos comunicacionais têm sempre uma intensão, portanto, o autor propõe analisar esses textos para compreender qual poder se manifesta durante a narrativa jornalística, voltando o olhar para atuação dos sujeitos interlocutores e não para o enunciado em si.

2.3. Plano da metanarrativa

Para melhor compreensão da reportagem especial em comemoração aos 50 anos da TV Clube, vamos realizar a análise a partir do plano da metanarrativa, visando ofertar profundidade sobre a estrutura da reportagem, que tem duração de 40 minutos e 2 segundos, é reproduzida ao longo do Globo Repórter. Motta (2013) discorre que este plano é voltado para o tema de fundo ou apresenta modelos de mundo, capazes de evocar imaginários culturais.

A reportagem especial começa com a apresentadora do programa, Sandra Annenberg explicando que o trajeto dos repórteres começa pelo extremo sul do Piauí até o litoral, a produção da reportagem durou dois meses, para mostrar “os desafios e as alegrias de quem vive no sertão nordestino”, apresentando um compilado de falas sobre famílias que se reúnem na praça para assistir TV (arquétipo de sertão antigo), religiosidade e fé, a partir das procissões tradicionais, tragédias e acontecimentos que emocionaram a população local, os vaqueiros que desbravam desde o sertão colônia e a culinária que se adaptou aos ingredientes encontrados em meio à caatinga.

O ponto de partida dos repórteres é a divisa entre os estados do Piauí e Bahia, percorrendo o mais de três mil quilômetros até chegarem ao litoral. Aqui a metanarrativa se estabelece, dando exatidão ao início, desenvolvimento e final do enredo, sendo possível observar que a partir da localização geográfica, o Piauí passa a ser retratado de forma diferente.

No extremo sul e sudoeste do estado, os repórteres deram destaque às belezas da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato, à força da pecuária em Cristalândia e ao potencial do agronegócio a partir da plantação de soja em Urucuí, vale destacar que esta área encontra-se no cerrado, com exceção de São Raimundo Nonato, mas que foi apresentado positivamente por conta do patrimônio natural situado no seu território. Em seguida o repórter inicia de fato a apresentação do sertão, que se apresenta com paisagens desoladoras, imagens de pobreza e discursos estereotipados do sertão de

outrora, “cuja vida passa lentamente e escapa pelas mãos”.

A reportagem passa por Monsenhor Gil, que está localizada mais ao norte, para recordar a chegada dos aparelhos de televisão e os encontros na praça para acompanhar a programação, já que se tratava de um objeto caro e não acessível para todos os públicos. Ao retornar para o sertão, a reportagem resgata uma notícia antiga, mostrando os efeitos da seca, carcaça de animais mortos, crianças em jumentos levando água e comendo macambira para escapar da fome. Voltando para atualidade, apresenta a cidade de Jaicós, município localizado na região centro-sul do Piauí que sofre com o abastecimento de água, resumindo o sertão aos desafios da seca, prejuízos na lavoura, dificuldade para ter acesso à água, mas sem perder a esperança por dias melhores.

As imagens e falas apresentadas recorrem ao estigma antigo que colocam o semiárido como espaço-problema, sem problematizar sobre as políticas públicas, avanços, potencialidades, apenas atribuindo o problema à ausência ou irregularidade das chuvas.

A cidade de Picos, localizada aproximadamente a 30 quilômetros de Jaicós, também localizada no sertão piauiense, foi apresentada a partir do potencial para o comércio, em seguida a narrativa volta explorar os signos de pobreza e seca. Vale ressaltar que a cidade de Picos é um dos maiores entroncamentos do Nordeste, é abastecida por água mineral dos ricos mananciais no lençol freático, também é conhecida pela exportação de mel e caju, polo universitário, ainda assim foi apresentada pelo viés da pobreza.

Voltando à zona rural de Jaicós, a reportagem apresenta uma experiência exitosa na comunidade Várzea Queimada, onde mulheres mudaram de vida através do artesanato feito com a palha de carnaúba. A equipe que produziu a reportagem deixou escapar às lentes e narrativa o sertão da ovinocraprinocultura, de adutoras, piscicultura, industrialização a partir da fruticultura ou derivados do leite, o sertão dos pequenos agricultores que produzem alimentos orgânicos, ou sertão tecnológico.

A reportagem segue apresentando a religiosidade do município de Oeiras, primeira capital do Piauí e também conhecida como “capital da fé”, seguindo por Santa Cruz dos Milagres, as imagens, depoimentos e *offs* fortalecem o signo religiosidade, tão presente na literatura, cinema e notícias sobre o sertão.

Do sertão ao norte, a expedição comemorativa chega a Teresina, destaca a história da implantação da emissora, seu crescimento e equipe, mas deixa de fora as

manifestações culturais da capital, artesanato, pontos turísticos e a marca da violência noticiada diariamente nos telejornais. De Teresina segue para Campo Maior, mais ao norte, apresenta pratos típicos e segue para o município de Cocal, que foi marcado pela tragédia do rompimento da barragem de Algodões II.

Chegando no litoral, ao extremo norte, o espaço é apresentado como um “Piauí de transformação” a partir das belas paisagens, turismo crescente, sem destaque às crises de abastecimento de água ou problema de segurança pública, a pauta passa pelo maior cajueiro do Nordeste, belezas quase inexploradas do Delta do Parnaíba, complexos hoteleiros e praias paradisíacas ideais para prática de kitesurf.

A viagem chega ao fim apresentando imagens de diversos pontos do estado e destacando a importância de valorizar as tradições, remetendo novamente à figura do “vaqueiro nordestino que pega boi na mata”, na tela aparece um senhor com marcas do tempo no rosto, vestido com traje festivo dos vaqueiros, que é o gibão de couro e todos os acessórios. A imagem deixa entender que os vaqueiros ainda se vestem assim no sertão nordestino, quando na realidade a vestimenta se tornou um símbolo da tradição.

Em resumo, a metanarrativa apresentada sobre o Piauí ao longo da reportagem foca nas potencialidades do sul do estado, explora a miséria e seca da região semiárida e apresenta as belezas do norte. Um discurso antigo e historicamente reproduzido pela imprensa local e nacional, que associa o sertão à pobreza e subdesenvolvimento quando determina a abordagem de cada pauta.

2.4 Signos de nordestinidade e formação jornalística

Ao longo da análise foi possível identificar diversos signos de nordestinidade a partir das falas de Sandra Annenberg, da narrativa apresentada por Renan Nunes e Aline Moreira, bem como com a escolha de notícias antigas que foram reproduzidas dentro da reportagem comemorativa aos 50 anos, personagens selecionados para as entrevistas, imagens e trilhas sonoras.

O primeiro signo que merece destaque, mesmo não estando presente na literatura de Paiva (2006) sobre a temática, é o “complexo de vira-lata”, expressão cunhada por Nelson Rodrigues em 1950, que remete ao sentimento e situação de inferioridade que o brasileiro se coloca, também reproduzida pelo piauiense em relação a outros estados e especialmente regiões. Esse signo se manifesta ao apresentar o Parque Nacional da Serra da Capivara, que abriga os sítios arqueológicos mais antigos da América e é

considerado o berço do homem americano, o repórter explica que o reconhecimento do espaço ocorreu após reportagem do jornal New York Times, que apresentou o destino numa lista de viagens para ano de 2022⁵. Olhar para grandiosidade do parque e enquadrá-los como importante a partir da notícia mencionada fere todos os anos de pesquisa, investimento e turismo no espaço. O sentimento de inferioridade também se estabelece com o enaltecimento da população gaúcha que explora o agronegócio do serrado, deixando de lado todos os problemas de grilagem de terra.

Outro signo identificado é a apresentação do sertão como lugar inóspito, quando o repórter diz que a vida no sertão escorre pelas mãos e insiste em correr lentamente. Essa narrativa apresenta o território como um espaço letárgico, cuja vida se esvai de forma vagarosa. Como se o tempo no sertão fosse diferente de outros lugares.

O terceiro signo é o calor, ele aparece quando a apresentadora fecha um bloco e anuncia o que virá após o intervalo, destacando os “desafios do estado onde a população se acostumou a viver com temperaturas acima dos 40 graus”. Além de fortalecer um estereótipo, extingue do imaginário de quem acompanha o programa e não conhece o Piauí, a pluralidade e diversidade, inclusive climática, mesmo no semiárido. Como exemplo, podemos citar cidades como Marcolândia ou Simões, aonde a temperatura dificilmente chega aos 30 graus nos períodos mais quente do ano.

O quarto signo identificado é a fome, quando a equipe resgata uma notícia antiga de crianças e adultos comendo macambira para sobreviver, que se alia ao quinto e sexto signos: seca e a pobreza. A sequência mostra um sertão sem progresso, onde a população precisa de jumentos para transportar água, carro-pipa ou ainda o sofrimento dos reservatórios secos. A notícia fica ainda mais complexa quando retrata a pobreza ocasionada por imagens desoladoras de lavouras secas e animais padecendo. Como de costume, ao invés de problematizar sobre as políticas públicas para o desenvolvimento do semiárido, a notícia explora o sertão do passado, dando a entender que a população residente neste espaço não conta com o mínimo para sobreviver, deixando de levar em conta os programas de aceleração ao crescimento, que trouxeram novos reservatórios, construíram adutoras, bem como as áreas irrigadas, a agricultura familiar que se utiliza de tecnologias apropriadas à vida no semiárido.

O sétimo signo identificado é a fé ou religiosidade do sertanejo, que coloca em

⁵ <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2022/01/11/jornal-americano-the-new-york-times-aponta-serra-da-capivara-como-um-dos-52-destinos-para-viagem-em-2022.ghtml>

Deus a esperança por dias melhores a partir da chuva. O oitavo signo é a figura caricata do vaqueiro vestido com gibão e todos os acessórios usados no passado para proteção durante as “pegas de boi”, atualmente a vestimenta é usada em datas festivas, como as famosas missas ou cavalgadas em homenagem ao homem do campo.

Diante da metanarrativa apresentada na reportagem e dos signos estabelecidos, observamos a urgência acerca da formação dos profissionais que atuam na imprensa local sobre o seu próprio lugar, a necessidade de ressignificar o pertencimento, conhecer o processo de organização social, compreendendo que a pobreza do Piauí está mais relacionada com a concentração fundiária, desinteresse das autoridades que fizeram do espaço um curral eleitoral com práticas assistencialistas, que não resolviam o problema de acesso à água, saúde ou educação, mas atuavam como práticas paliativas que garantiam a permanência das velhas elites no poder.

Desta forma, torna-se urgente discutir acerca das narrativas construídas sobre o sertão nordestino, de forma especial o sertão piauiense, buscando compreender até que ponto a escolha das palavras, fontes, imagens, trilhas e os recortes históricos estarão contribuindo para o fortalecimento do ranço contra o Nordeste ou para compreensão deste espaço enquanto um território complexo, com desafios, riquezas e potencialidades.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A irregularidade de chuvas, aridez do solo e altos índices de evapotranspiração são características conhecidas e previsíveis sobre a região, por que a sociedade ainda sofre com o impacto da estiagem ou das secas? Outro questionamento se pauta em saber que existem países localizados em territórios desérticos, ainda assim são desenvolvidos. Seria a falta de chuva o verdadeiro problema do semiárido brasileiro? Sabe-se que os problemas sociais da população do Semiárido brasileiro não são consequências do clima ou da ausência de chuvas.

Ao analisar o estereótipo de pobreza sobre o território semiárido foi possível identificar que os meios de comunicação fortalecem esse discurso e a adesão da população muitas vezes ocorre a partir dos próprios personagens selecionados como fontes nas notícias, ou ainda no processo de recepção, quando o telespectador enxerga naturalidade nos sentidos construídos.

Respondendo à questão central deste estudo, que buscou compreender como se relacionam as mensagens do espaço público midiaticizado com a racionalidade cotidiana do homem do semiárido? É possível afirmar que problemas do semiárido foram mais uma vez difundidos através dos meios de comunicação de massa, no entanto, pouco se problematizou sobre a origem dos problemas, voltando-se quase todo tempo para a falta de chuva como elemento definidor da pobreza, discurso que foi historicamente utilizado pelos gestores e velhas elites nordestinas como garantia da não problematização por parte dos grupos dominados, havendo também a adesão da sociedade aos sentidos construídos.

Desta forma, objetivo geral, que era analisar como ocorre o fortalecimento do ranço ao sertão nordestino a partir da análise crítica da narrativa do programa Globo Repórter especial de 50 anos da Rede Clube no Piauí foi atendido a partir da análise da metanarrativa. Objetivos específicos: compreender como se estabelece a visão estereotipada sobre o semiárido piauiense a partir das imagens selecionadas pelo telejornalismo, destacamos a diferença no tratamento e com as narrativas construídas sobre os municípios do cerrado, ao sul, cuja narrativa voltou-se para o desenvolvimento partir do agronegócio e pecuária extensiva, as cidades da região centro-sul, que foram marcadas pelos efeitos da seca ao longo da reportagem, e as cidades do norte do estado, cujo destaque voltou-se para lugar desenvolvido, culinária, belezas e potenciais turísticos, tendo como exceção o trecho que recorda a tragédia da barragem de Algodões II. Ao identificar a presença de signos de nordestinidade no programa especial analisado, foi possível observar que os signos fortalecidos a partir das notícias analisadas foram: complexo de vira-lata, sertão como lugar inóspito, calor, fome, seca, pobreza, fé e figura caricata do vaqueiro. Outros signos, como violência, coronelismo e sertão como espaço sem lei não foram localizados ao longo da análise, acreditamos que a ausência se dá em virtude da reportagem ser comemorativa, ainda assim é marcante o número de representações negativas sobre o Piauí. E por fim problematizar acerca da formação de jornalistas para compreensão da complexidade do território semiárido, deixando exposta a urgência de formação de profissionais a partir de uma perspectiva que contextualize o semiárido ao jornalismo.

Refletindo sobre a dimensão da recepção de significado e apropriação das mensagens midiaticizadas nos mundos de vida dos espectadores foi possível observar que a apresentadora, os repórteres e fontes entrevistadas não questionam ou problematizam

sobre as reais causas da pobreza no semiárido piauiense e brasileiro, os sentidos construídos quase sempre se voltam para a questão da chuva, como dito anteriormente, não é uma surpresa, é uma condição natural, característica previsível e que historicamente vem sendo discutida.

Como toda pesquisa, este estudo deixa margem para novas problematizações acerca das práticas comunicacionais sobre e no semiárido, em especial, abordando as instâncias do plano da expressão e plano da estória apresentadas por Motta (2013), que não foram analisadas a partir do objeto escolhido para este artigo, mas terão continuidade em outros estudos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Tereza de. **Caracterização da Macrorregião do Semiárido Piauiense**. In *Semiárido Piauiense*. INSA. Campina Grande: 2010

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

AZEVÊDO, Sandra Raquew dos Santos (ORG.) **Comunicação no Semiárido Brasileiro**. Paraíba: Marca de Fantasia, 2021.

AZEVÊDO, Carlos Alberto Farias de; AZEVÊDO, Sandra Raquew dos S. Observatório do Jornalismo no Semiárido: o discurso da convivência com a seca/semiárido e seu agendamento na imprensa e nas campanhas eleitorais nas Eleições 2014. In AZEVÊDO, Sandra Raquew dos Santos (ORG.) **Comunicação no Semiárido Brasileiro**. Paraíba: Marca de Fantasia, 2021.

BARACUHY, José Geraldo de Vasconcelos; FURTADO, Dermeval Araújo; FRANCISCO, Paulo Roberto Megna (Organizadores). **Tecnologias de Convivência com o Semiárido Brasileiro**. Campina Grande: EDUFPG, 2017.

BRASIL. Resolução Nº 150, de 13 de dezembro de 2021. **Relatório Técnico que apresenta os resultados da revisão da delimitação do Semiárido 2021**. Disponível em <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-condel/sudene-n-150-de-13-de-dezembro-de-2021-370970623>> Acesso em 10 de junho de 2022.

_____. **Mapa Geodiversidade do Estado do Piauí**. CPRM - Serviço Geológico do Brasil. 2009. Disponível em <<https://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/handle/doc/14708>>. Acessado em 09 de julho de 2022.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **Natureza, Território e Convivência: novas territorialidades no semiárido brasileiro**. Jundiaí, Paco Editorial: 2012.

CUNHA, Euclides da. **Obra completa**. Org. Afrânio Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

GLOBO REPÓRTER. Especial de 50 anos da Rede Clube no Piauí. YouTube, publicado em 02 de dezembro de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D0aiw8X88Ws>>.

INSA. **Instituto Nacional do Semiárido**. Brasília: MCTI, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mcti/pt-br/composicao/rede-mcti/instituto-nacional-do-semiarido>> Acessado em 10 de junho de 2022.

MINEIRO, Edison. RÊGO, Ana Regina. **A construção de heróis e a causa social: análise das notícias no jornal O Dia sobre a implantação da TV no Piauí (1969-1972)**. Encontro Nordeste de História da Mídia. Universidade Federal de Alagoas - 04 E 05 de agosto de 2016. Disponível: < <https://www.seer.ufal.br/ojs2-somente-consulta/index.php/historiadamidia/article/view/3268>>. Acessado em 15 de 2023.

MOREIRA, Gislene. **Sertões contemporâneos: rupturas e continuidades no semiárido**. Salvador: Eduneb; Edufba, 2018.

PAIVA, Carla Conceição da Silva. **A virtude como um signo primordial da nordestinidade: análise das representações da identidade social nordestina nos filmes o Pagador de promessas (1962) e Sargento Getúlio (1983)**. Dissertação de mestrado. Salvador: UNEB, 2006. Disponível em: < <http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2019/10/Milli-Disserta%C3%A7%C3%A3o-convertido-mesclado.pdf>>. Acessado em: 20 de fevereiro de 2021.

PROGRAMA das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD (Org.). **Relatório de desenvolvimento humano 2010**. Disponível em: < http://www.pnud.org.br/HDR/arquivos/RDHglobais/PNUD_HDR_2010.pdf >. Acesso em: 02 de julho de 2022.

REIS, Edmerson dos Santos. **Educação para a Convivência com o Semiárido: desafios e possibilidades**. In *Semiárido Piauiense*. INSA. Campina Grande: 2010.

SICA, Karen. **A Fenomenologia e a Teoria Da Comunicação Sob o ponto de vista de Alfred Schut**. *Comtempo – Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero – Volume nº 5, Ano 4 - Dezembro 2013*. Disponível em: < <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo> >. Acessado em 23 de março de 2022.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Concepções de Desenvolvimento: convivência e sustentabilidade no semiárido brasileiro**. In *Semiárido Piauiense*. INSA. Campina Grande: 2010.

SOUZA, João Henrique Lúcio de; LOPES, Fernanda Pereira. **Reflexões sobre Desenvolvimento e Sociedade no Semiárido do Nordeste Brasileiro**. *Revista Rural & Urbano*. Recife. v. 07, n. 01, p. 44-63, 2022. ISSN: 2525-6092.